

Um Teto Todo Seu de Virginia Woolf e a Filha Perdida de Elena Ferrante: é possível a emancipação das mulheres pela Literatura?

*A Roof All Your Own by Virginia Woolf and the Lost Daughter by Elena Ferrante: is the
emancipation of women through Literature possible?*

Mareli Graupe¹

Universidade do Planalto Catarinense
Lages, Santa Catarina, Brasil

Ana Paula Kuster da Silva²

Universidade do Planalto Catarinense
Lages, Santa Catarina, Brasil

Katia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa³

Universidade do Planalto Catarinense
Lages, Santa Catarina, Brasil

Resumo: O presente estudo tem o intuito de analisar o cruzamento de ideais entre o ensaio *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e a personagem principal Leda de *A Filha Perdida* da escritora Elena Ferrante, ressaltando as potencialidades e limitações dos escritos literários femininos na constituição da emancipação das mulheres e suas possibilidades de transformação no meio social, emergindo diálogos das relações de poder, do patriarcado acerca das violências contra as mulheres no decorrer da história da humanidade. De maneira geral, o diálogo dar-se-á na perspectiva de ampliar a visão por meio da emancipação das mulheres pela palavra, o percurso e desafios enfrentados pela mulher no âmbito literário, possibilitando o conhecimento a todos os interessados pela temática. Sendo assim, esse estudo possibilitou um diálogo entre uma obra de não ficção com uma de ficção em épocas diferentes e através de seus escritos expressaram ideias e opiniões contribuindo para a emancipação das mulheres e sobretudo o protagonismo das mulheres.

Palavras-chave: Liberdade. Emancipação. Mulheres.

Abstract: The present study aims to analyze the intersection of ideals between Virginia Woolf's *A Roof All Your Own* essay and the main character Leda of *The Lost Daughter* of the writer Elena Ferrante, highlighting the potentialities and limitations of female literary writings in the constitution of women's emancipation and their possibilities for transformation in the social environment, emerging dialogues from power relations, patriarchy about the violence against women throughout the history of humanity. In general, dialogue will take place in the perspective of broadening the vision through the emancipation of women by the word, the path and challenges faced by women in the literary sphere, enabling knowledge to all those interested in the theme. Thus, this study allowed a dialogue between a work of nonfiction with a work of fiction in different times and opinions contributing to women's freedom and above all the leading place of women.

Keywords: Literature. Freedom. Emancipation. Women.

¹ Professora da Universidade do Planalto Catarinense, doutora em Educação e Cultura pela Universidade de Osnabrueck, Alemanha. E-mail: prof.mareli@uniplaclages.edu.br.

² Universidade do Planalto Catarinense. E-mail: anapaulakuster3@gmail.com.

³ Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Curso de Letras da Universidade do Planalto Catarinense. E-mail: katiamarlowapessoa@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho possui como **objetivo geral** identificar as potencialidades e limitações dos discursos sobre as representações e lutas das mulheres nas obras *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e *A filha perdida* de Elena Ferrante sobre a emancipação das mulheres, sendo assim, aprofundar os conhecimentos sobre as contribuições das mulheres na literatura durante a nossa história, para então ser possível analisar as potencialidades e limitações dos escritos literários femininos na constituição da emancipação das mulheres e suas possibilidades de transformação no meio social e por fim, possibilitar dialogar acerca das violências implícitas contra as mulheres a partir das obras *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e *A filha perdida* de Elena Ferrante.

A perspectiva deste estudo pretende ampliar o diálogo acerca da emancipação da mulher pela Literatura, o percurso e desafios enfrentados no âmbito literário, possibilitando o conhecimento a todos os interessados pela temática, sendo assim, trazendo à tona as contribuições da figura feminina para a emancipação, sobretudo o lugar de protagonismo feminino. Este estudo possui como questão de pesquisa: Quais são as potencialidades e limitações dos discursos sobre as representações e lutas das mulheres nas obras *Um Teto Todo Seu* de Virginia Woolf e *A filha perdida* de Elena Ferrante sobre a emancipação das mulheres?

O presente artigo está organizado em três seções, estruturadas da seguinte maneira: na primeira, “*A Jornada das mulheres pela Literatura: Percursos e Percalços*” é realizado um delineamento histórico por meio dos registros das contribuições da mulher para a literatura, contextualizando algumas autoras e suas contribuições para a literatura e para a libertação feminina. A segunda seção reflete sobre “*Representações sociais da figura da mulher na história de vida de Virginia Woolf e da escritora Elena Ferrante*”. Na terceira seção é apresentado o “*Cruzamento de ideias entre Virginia Woolf no ensaio Um Teto Todo Seu e a personagem Leda de Elena Ferrante*”.

1 A JORNADA DAS MULHERES NA LITERATURA: PERCURSOS E PERCALÇOS

É sabido que, durante muito tempo em nossa história, a mulher foi excluída do grupo intelectual da sociedade por ser julgada, principalmente pelos constituintes desse grupo, isto é, os homens, um ser não dotado de inteligência ou capacidade intelectual. Desse modo, considerando essa linha de pensamento, a mulher só servia para cuidar das crianças e dos afazeres domésticos, por exemplo, lavar, cozinhar, passar, dentre outros.

No entanto, essa realidade começa a ser transformada no final do século XIX começo do século XX, propiciando a introdução das mulheres em outros espaços, além dos cuidados do lar e da família. Nesse limiar, algumas mulheres partiram para o campo literário, como foi o caso de várias autoras que se destacaram como escritoras, tendo suas produções reconhecidas, publicadas, criticadas e elogiadas.

O Modernismo é o principal movimento literário do século XX. Fortemente influenciado pelos movimentos de vanguarda que ocorreram na Europa no início dos anos 1900, este estilo literário foi revolucionário em diversos níveis. A sua origem se situa, portanto, numa época atravessada por conflitos, revoluções e transformações sociais profundas. O movimento modernista também trouxe várias técnicas literárias como o fluxo de consciência, os monólogos interiores e ainda a possibilidade de mostrar vários pontos de vista diferentes dentro de uma mesma obra. Virgínia Woolf, como uma escritora de seu tempo, adota essas técnicas em seus livros, principalmente no que se refere ao fluxo da consciência. Desse modo, essas mudanças perpassam muitas décadas até se transformarem no movimento do Pós-Modernismo.

O movimento do Pós-Modernismo pode-se dizer que foi um movimento cultural de mudanças expressivas em vários segmentos da esfera social. Contudo, aconteceram transformações nas artes, na filosofia, na sociologia e também na área da ciência. Convém ressaltar que a escritora Elena Ferrante faz parte dessa época, isto é, o Pós-Modernismo, que tem como uma das características a releitura do passado. Esta se apresenta nas obras de Elena Ferrante a começar pelo nome em que se assina, o qual é um pseudônimo, algo que era comum no século anterior. Há indícios de que a pessoa que usufrui do nome Elena Ferrante seja uma mulher italiana e que já declarou a preferência em ser chamada assim para ter liberdade ao escrever. Muitas pessoas utilizaram outro nome para se esconder ao longo da nossa história.

1.1 A AUSÊNCIA DO RECONHECIMENTO DA MULHER NO ESPAÇO LITERÁRIO

Considerando a trajetória das lutas de mulheres durante o percorrer da nossa história enquanto sociedade, o presente trabalho abordará acerca dos direitos negados no espaço literário para as mulheres. E a seguir será construído um diálogo sobre os registros da mulher escritora. No entanto, também será abordado o reconhecimento da produção feminina na ficção.

A palavra Literatura vem do latim que significa letra. No entanto, nem sempre é fácil conceituá-la. Para isso, é necessário consultarmos os verbetes de um dicionário. Normalmente, a literatura como a arte que faz uso da linguagem como matéria prima, entretanto a definição acerca do conceito de literatura encontrada nesses verbetes pode ser visualizada como rasa e pouco ampla, visto que o conceito sofre mudanças com o passar dos anos. Diante do exposto, e como na maioria das ciências, visualiza-se, ao longo da história literária, que a participação das mulheres ocorreu de forma gradual, para tanto, como sinaliza Woolf (2019, p. 15) “Como os árbitros das convenções são os homens, pois foram eles que estabeleceram uma ordem de valores na vida, e já que é na vida que em grande parte a ficção se baseia, também aqui, na ficção, em extensa medida, esses valores prevalecem.”

Ainda, ao longo de muitos séculos, persiste a imagem da mulher em condições equivalentes à de escrava, submissa, em um período da nossa história em que ser livre

significava, basicamente, ser homem. As funções primordiais femininas eram a reprodução, a amamentação e a criação dos filhos, isto é, as mulheres estavam fadadas aos afazeres domésticos.

Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. A história da Inglaterra é a história da linha masculina, não da feminina. De nossos pais sempre sabemos de alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; a terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (Woolf, 2019, p. 10).

Partindo das reflexões anteriores e o que a mulher sofreu e resistiu para ocupar espaços precisou comprovar e legitimar sua capacidade, há registros que a primeira escritora conhecida na história da humanidade foi uma mulher tendo composto vários trabalhos literários. Conforme é citado no *site “hypenes”* (2022, s/p), a “sua produção inclui dois hinos: à deusa mesopotâmica do amor Inanna, o mito de Inanna e Ebih, tendo uma coleção conhecida como “Hinos Sumérios do Templo” (são 42 no total!)”.

Na Mesopotâmia, no século 23 antes da nossa era, viveu a princesa, sacerdotisa e poeta Enheduanna. A escritora era filha do rei Sargão, o Grande. Antecedendo a Enheduanna outras obras foram escritas, contudo seus autores ou autoras permaneceram anônimos. Ainda assim, as contribuições da escritora eram assinadas por ela e com frequência envolviam referências à sua própria biografia. Dada a breve explanação, é possível compreender que nas tradições dos escribas, na antiguidade, tinham tendências a serem consideradas masculinas, entretanto as obras de Enheduanna demonstram que a literatura da Mesopotâmia também tinha assinatura feminina.

No decorrer da história da humanidade, além da princesa Enheduanna, muitas outras rainhas e esposas compunham ou encomendavam poesia e também produziam variados textos. A presença de mulheres alfabetizadas era tão forte que eles inclusive adoravam uma deusa escriba chamada Nidaba. Tendo em vista os dados históricos, em meados do ano 612 a. C viveu Safo, contemporânea de Pítaco e Alceus. Segundo Woolf “Estranhos intervalos de silêncio parecem separar um período de atividade do outro. Numa ilha grega, havia Safo e um pequeno grupo de mulheres, todas escrevendo poesia seiscentos anos antes do nascimento de Cristo”. (Woolf, 2019, p. 10)

Considerada a maior poetisa grega, do gênero lírico, provavelmente a primeira escritora a marcar a história da literatura ocidental. Nascida na ilha de Lesbos, situada no nordeste do Mar Egeu, na cidade de Mitilene, Safo nasceu no seio de uma família rica e se dedicou precocemente ao aprendizado da dança, da retórica e da poética. Luxo só reservado para uma minoria da época, isto é, somente para a fatia aristocrática da sociedade da época. A despeito do valor de sua obra, seu alto teor de erotismo, acarretou na Era Medieval a censura de sua poética, o que desafortunadamente resultou na perda de grande parte dos seus textos que foram queimados pela Igreja e raros fragmentos sobreviveram ao longo do tempo.

Ainda com base nos achados para realização desta pesquisa, observa-se que algumas escritoras tiveram reconhecimento e seus trabalhos sobreviveram ao tempo, porém

existiram escritoras que não foram nem conhecidas, tão pouco mencionadas por escritores da época, ou seja, seus trabalhos não atravessaram a história. E naturalmente, havia outras escritoras em que o trabalho foi simplesmente silenciado, cujos nomes não se sabe ou não se quis dizer.

Na contemporaneidade não há como justificar a figura da mulher como sendo frágil e incapaz. Entretanto, visualiza-se que, desde os primórdios, a figura feminina foi hostilizada, diminuída, silenciada e segregada de diversos espaços sociais, educacionais e políticos, sempre com a desculpa de que era inferior ao homem. Aristóteles, ao escrever “A Política” (2014), disse que a mulher é naturalmente submissa ao homem. Em História dos Animais, por sua vez, ele aponta:

Portanto, as mulheres são mais compassivas e prontas a chorar, mais invejosas e mais sentimentais e mais contenciosas. A fêmea também está mais sujeita à depressão do espírito e ao desespero do que os homens. Ela é também mais desavergonhada e falsa, mais prontamente enganada, e mais atenta às injúrias, mais ociosa e, em geral, menos excitável que o macho. Pelo contrário, o macho está mais disposto a ajudar e, como já foi dito, mais valente do que a fêmea (Aristóteles, 2014, p. 75).

Todavia, a figura da mulher foi o personagem de narrativas escritas por homens, o que desencadeou a limitação ao acesso no espaço de produção literária, uma vez que as mulheres eram vistas como propriedade e também como objetos do patriarcado, sendo negado o acesso a esses espaços, consequentemente naturalizando a sua invisibilidade.

Contudo, durante a maior parte da história, inexpressivas mulheres escreveram, e a maioria não sabia ler justamente pela falta de espaço e acesso ao conhecimento. Virginia Woolf (2014, p. 67) exemplificou tal fato quando escreveu: “ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido”.

Sob o mesmo viés, não se deve somente consumir textos escritos por mulheres, mas também nos questionar os papéis das personagens femininas nas histórias, porque muitas ainda seguem os imaginários de mulheres indefesas e submissas, ao invés de reforçar a ideia de liberdade e força, bem como fez Virginia Woolf em sua contribuição na produção literária e de maneira inquestionável, escreve neste sentido a escritora italiana Elena Ferrante nos dias atuais.

A antiga América Colonial Espanhola também tem uma escritora que se destacou em meio aos homens escritores da época. Em 1648, em Nepantla, nasce Juana Inés de Asbaje, que viveu na Cidade do México. Era filha bastarda de uma crioula (nascida na América de pais espanhóis) e de um fidalgo basco. Ela chegou a conhecer o pai. Aprendeu a ler com apenas 3 anos de idade. Ainda menina, solicita à mãe que a disfarce para frequentar aulas na universidade.

Sor Juana Inés de la Cruz foi uma das notáveis figuras da poesia em língua espanhola no século XVII, o “Século de Ouro Espanhol”. Sor Juana desempenhou os maneirismos do barroco – a retórica elevada, o virtuosismo linguístico, o interesse pela contradição e pelo exagero. Compôs poemas, comédias teatrais e defendeu o direito da mulher à educação, vindo a falecer em 1695, deixando um legado pouquíssimo reverenciado. É importante ressaltar que ela foi a primeira pessoa da América Colonial Espanhola a colocar um negro como personagem em livros. A nebulosidade acerca da figura

feminina por muito tempo foi perpetuada, para tanto, engendrar o silêncio nas mulheres era comum “fazia parte da ordem das coisas”. Como salienta Michelle Perrot, no livro *Minha História das Mulheres* (2019, p. 17): “Mas o silêncio mais profundo é o do relato”.

Havia um consenso que a relação mulher e escrita era inconcebível, algo que estava ligada à própria anatomia feminina. Tal conceito foi amplamente difundido no decorrer da história humana, bem como documentado sem reservas em trabalhos de diferentes áreas produzidos por homens. Apenas o ambiente doméstico e os afazeres, tais como os cuidados com a casa e com a família eram permitidos às mulheres. Nesta perspectiva, Michelle Perrot (2006, p. 96) aponta:

Mas as mulheres são suscetíveis de criar? Não, diz-se frequentemente e continuamente. Os gregos fazem do pneuma, o sopro criador, propriedade exclusiva do homem. “As mulheres jamais realizam obras-primas”, diz Joseph de Maistre. Auguste Comte as vê como capazes apenas de reproduzir. Como Freud, que lhes atribui, entretanto, a invenção da tecelagem: “Estima-se que as mulheres trouxeram poucas contribuições às descobertas e às invenções da história da cultura, mas talvez elas tenham inventado uma técnica, a da trançagem e da tecelagem” por que isso? Alguns dão para essa deficiência um fundamento anatômico.

Por meio desse prisma, é possível crer que os discursos, assim como o silenciamento perpetuado à figura feminina, podem ser instrumentos e efeitos de poder, e também um empecilho para galgar espaços estritamente reservados à figura masculina, sendo assim um ponto de resistência. Para Foucault (2014, p.110), “o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. E de acordo com Jane Austen: “Os homens tomaram todas as vantagens sobre nós ao poderem escrever sua própria história. A educação deles tem sido muito melhor que a nossa, a pena está nas mãos deles, e não permitirei que os livros provem nada (a respeito das mulheres)”. (Austen, 2016, p. 54).

O mencionado anteriormente pode estar atrelado ao discurso androcêntrico, que no decorrer da humanidade, foi o discurso dominante, corroborando a ideia de inferioridade intelectual feminina. Reforçando a relação de poder que reverberou em todos os âmbitos da vida do ser feminino e que perpetuam as desigualdades de gêneros até o tempo presente.

Logo, as questões de gênero estavam presentes na constituição dos sujeitos e, de acordo com Rago (1998, p. 3), “as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina”. A perpetuação das desigualdades de gênero ultrapassa os limites de todo e qualquer acesso, seja econômico, educacional ou até mesmo social, pois as mulheres nem sempre desfrutaram da liberdade de galgar esses espaços, fato presente nessa análise histórica realizada.

Visualiza-se que atualmente as mulheres ganham espaço enquanto escritoras e conseguem falar sobre vivências, rotinas, dificuldades, ganhos e perdas de uma vida que se equipara a do sexo masculino. Nesse contexto, a narrativa, *A Filha Perdida* (2006), da escritora italiana, cujo pseudônimo é Elena Ferrante, constrói um diálogo acerca da maternidade “ideal” e o cotidiano no tempo presente, traçando um paralelo com a criação e abandono das suas duas filhas, na infância.

Os costumes e tradições que a sociedade estabelece para a vivência e também sobre as mulheres são impetuosos e unilaterais, contornar o padrão imposto para com a figura feminina não é tarefa fácil, senão, algo negativo à moral e aos bons costumes. Esse fato foi imposto tanto pelos homens, que são dominantes na sociedade, quanto pela grande massa.

A escritora Elena Ferrante representa uma ruptura nesse papel, por meio da personagem Lina: uma mãe que abandona as filhas, que está feliz por estar sozinha e ter as filhas longe. Atitude essa, tomada enquanto as filhas da personagem ainda eram crianças e que reverberam no futuro de Lina, postura que é julgada e sentenciada se qualquer mulher a fazer, pois o cuidado materno é parte da vida das mulheres e a sua carreira educacional, profissional ou qualquer outro desejo, para esta conjuntura social não é relevante.

Agregando ao pensamento anterior, constata-se que a intempérie que perdurou durante séculos foi a invisibilidade feminina, em todos os espaços, e quando se coloca em pauta a questão da relação da mulher com a produção literária, o que se tem a respeito dessa questão é que os soberanos que detinham o poder da pena em mão sempre foram os homens.

Ademais, as relações de poder reverberam de maneira elevada nos espaços de criação, além do mais, nas representações que os homens promoviam acerca das mulheres. As moças, senhoras, donas, dentre tantas outras nomenclaturas estereotipadas recebidas geralmente por homens, sempre eram idealizadas de uma maneira ficcional com o que se acreditava ser mulher, ou seja, o que os homens acreditavam ser mulher, e que eram sujeitas a tais condições impostas. Visão rasa e estereotipada que levava a considerar apenas uma concepção masculina da existência feminina. Certamente, tais idealizações eram fictícias e não condizem com a realidade.

Para Virginia Woolf (2017, p. 65), no livro *Um teto todo seu*: De fato, se a mulher não existisse a não ser na ficção escrita por homens, era de se imaginar que ela fosse uma pessoa da maior importância; muito variada; heroica e cruel, esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão grandiosa como um homem, para alguns até mais grandiosa. Mas isso é a mulher na ficção. Na vida real, como o professor Trevelyan apontou, ela era trancada, espancada e jogada de um lado para o outro.

As mulheres sobreviveram a incontáveis violências, mesmo assim, ainda é possível averiguar que existem paradoxos estruturais na esfera socioeconômica e nas relações simbólicas entre os sexos. A despeito desse assunto as diferenças físicas e psíquicas entre homens e mulheres são utilizadas, principalmente nos discursos, como fator de desigualdade e discriminação, e ainda a mulher sofre com a situação de inferioridade e subordinação, independentemente das conquistas ainda incipientes legadas pelo século XX.

A análise das relações instituídas em nossa sociedade, do mesmo modo, pode ser realizada por meio da apreensão da ordem institucional em que essas relações se inserem. Para tal, Bourdieu (1996) propõe que a dominação masculina está instituída, por um lado, nas coisas, como em divisões espaciais entre homens e mulheres e divisões de

instrumentos, e, por outro lado, no pensamento, sob a forma de princípios de visão, de divisão e de classificação, e de taxonomias.

Obviamente, que essas relações (tanto de poder como de gênero) são desenvolvidas diante de um pano de fundo arranjado para garantir uma dominação histórica do homem sobre a mulher, embasado em evidências, ou pressupostos, que por diversas vezes não são questionados, seja por comodidade, seja por receio, ou por falta de argumentos.

Um dos pressupostos defendidos pela escritora americana Bell Hooks é que a opressão firmada e elaborada para com as mulheres é a questão de deixá-las sem opção, ou seja, a autora afirma que opressão é a ausência de opções. (Bell Hooks, 2019, p. 32)

Sequencialmente, visualiza-se que mesmo havendo uma discriminação pelo fato de ser mulher, durante a Revolução Industrial, na Inglaterra no século XVIII, teve um impulso nas questões vinculadas à instrução escolar, pois foi necessário capacitar minimamente as mulheres da classe trabalhadora para o desempenho das atividades trabalhistas. Paralelamente, aquelas pertencentes às classes mais elevadas passaram a ter acesso à leitura e à escrita, todavia ser letrada constituía uma condição fundamental para ser uma boa esposa e uma boa mãe de família.

A realidade é que as mulheres a partir do século XVIII conseguiram adentrar aos espaços de educação, principalmente em virtude da demanda de mão de obra da época, especialmente nas fábricas têxteis da Inglaterra, tornando possível o acesso à educação que foi promovida junto com o ingresso cada vez maior de mulheres no mundo do trabalho.

O fato de veras não altera em si, prontamente, a relação subordinada das operárias na sociedade. Estas mulheres desempenhavam as piores funções no trabalho produtivo, e ainda eram as menos remuneradas. Aos olhos de seus irmãos, pais e maridos, o trabalho feminino não era visto como algo natural, mas decorrente do empobrecimento familiar. Ao longo da história percebe-se o aparecimento de figuras femininas mobilizadoras sobre o papel da mulher e a sua importância para a sociedade. Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouzie, era uma vanguardista na Paris de Maria Antonieta e Luís XVI, e defende convictamente a emancipação das mulheres, a instituição do divórcio e o fim da escravidão. À frente de um grupo de teatro formado apenas por mulheres, Olympe explicitava suas ideias dialogando nas peças que escrevia, em panfletos e até em cartazes, que mandava colar pela cidade.

Numa de suas produções, um panfleto conhecido como a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, Olympe de Gouges invocava a uma revolução: “Ó mulheres! Mulheres, quando deixareis vós de ser cegas?”. Era uma referência direta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, documento símbolo da Revolução Francesa, mas que pouco dizia sobre os direitos do sexo feminino. O documento foi encaminhado à Assembléia Nacional da França, para que fosse aprovado, como havia ocorrido com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (agosto de 1789).

Nesse ínterim da revolução que destituiu a monarquia aos gritos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, Olympe de Gouges não se limitou a criticar as mazelas do Antigo Regime. Censurava também os abusos do novo regime, escrevendo contra Jean-Paul Marat e Maximilian de Robespierre, líder dos jacobinos, o setor mais extremista da

revolução, que ocupou o poder entre 1792 e 1794 e instaurou o Terror contra os opositores.

Ainda assim, sabe-se que Marie de Gouze, que gritava, produzia e publicava em um tempo que as mulheres não tinham voz, ela questionava o sistema e foi silenciada, pois em virtude de seus questionamentos foi sentenciada a ser guilhotinada. Antes de ser executada, Marie Gouze repetiu uma frase que já havia divulgado em panfleto: “Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve ter igualmente o direito de subir à tribuna” (Gouges, 2020, p. 47). Muito tempo depois, mais de dois séculos na verdade, a memória de Olympe passa pela fase de maior reconhecimento na França e no mundo.

Tradicionalmente, a posição reservada às mulheres em nossa sociedade e ao mesmo tempo na literatura, legitimado pelo discurso hegemônico, é o do silenciamento (Spivak, 2010). Contudo, com a produção literária de autoria feminina, as personagens galgaram o direito à voz, tornando-se, fortuito, narradoras e, como tal, passaram a representar vivências femininas que se distanciam da perspectiva hegemônica masculina.

As práticas discursivas criadas através do viés da mulher levam consigo novos delineamentos de avaliar os papéis dos gêneros naturalizados pelas culturas patriarcais ao longo da história. Assim, a partir da produção literária de autoria feminina, a noção de representação social ganha um novo sentido, traduzido em termos de representatividade das diversidades sociais e, em especial, de identidades femininas anti patriarcais (Zolin, 2010).

Em decorrência do que foi exposto, ao participar das criações literárias, as mulheres passaram a reconstruir suas identidades, o ser mulher revelando ao mundo escritoras capazes de contribuição ao cânone literário, assim como profissionais engajadas na educação, política e em diferentes áreas da sociedade do pós-guerra.

Portanto, no próximo capítulo tratar-se-á das representações sociais da figura da mulher na história de vida de Virginia Woolf e da escritora Elena Ferrante sob a ótica dessas autoras, relacionando as suas contribuições com a história da literatura e produção feminina.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA FIGURA DA MULHER NA HISTÓRIA DE VIDA DE VIRGINIA WOOLF E DA ESCRITORA ELENA FERRANTE: MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO

O Modernismo é o principal movimento literário do século XX. Fortemente influenciado pelos movimentos de vanguarda que ocorreram na Europa no início dos anos 1900, este estilo literário foi revolucionário em diversos níveis. O Modernismo foi, sem dúvida, um dos movimentos que mais impactam as formas como pensamos e criamos nos dias atuais. Esse movimento surgiu no período temporal que separou a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) e a Segunda (1939 - 1945). A sua origem se situa, portanto, numa época atravessada por conflitos, revoluções e transformações sociais profundas.

Na Europa, a expansão imperialista, iniciada no século XIX, marcada pela exploração de países subdesenvolvidos e pela disputa entre as grandes potências, levou à

corrida armamentista e à Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O Modernismo surgiu com uma série de movimentos culturais que tinham por objetivo romper com o tradicionalismo de escolas literárias anteriores. O início do século XX foi marcado por movimentos que transformaram a maneira de fazer arte e literatura.

Inegavelmente, pode-se definir "Modernismo" como um conjunto de correntes culturais e escolas artísticas que manifestaram-se na primeira metade do século XX. Sequencialmente, outro fato que merece destaque é que dentro desse rótulo cabiam várias formas de pensamento e nem todas concordavam entre si; na verdade, algumas eram antagônicas.

Aquilo que elas tinham em comum era a noção de que a cultura tradicional estava ultrapassada e que, por isso, era necessário encontrar novas ideias e conceitos. Estas vanguardas partiram, então, em busca do novo, do "moderno". Fortemente marcadas por valores de experimentalismo e transgressão, estas correntes procuravam a ruptura com os padrões, as normas, não só nos modos de criar, mas também de viver e agir em sociedade.

Tal ruptura com os valores tradicionais proporcionou a publicação de livros escritos por mulheres e o reconhecimento do valor intelectual feminino exposto nessas obras, sendo Virgínia Woolf e seus livros um exemplo dessas transformações. Logo, fica evidente que o modernismo literário ganhou força principalmente na Europa e nos Estados Unidos da América. Depois da I Guerra Mundial. Esses autores já não estavam preocupados em servir aos interesses da burguesia, mas sim em expor as incoerências da realidade em que viviam. Dentre elas, as mulheres ocupando espaços que só eram permitidos aos homens. O movimento modernista também trouxe várias técnicas literárias como o fluxo de consciência, os monólogos interiores e ainda a possibilidade de mostrar vários pontos de vista diferentes dentro de uma mesma obra. Virgínia Woolf, como uma escritora de seu tempo, adota essas técnicas em seus livros, principalmente no que se refere ao fluxo da consciência. Desse modo, essas mudanças perpassam muitas décadas até transformar-se no movimento do Pós-Modernismo que será discorrido no próximo subtítulo na obra de Elena Ferrante.

2.2 O PÓS-MODERNISMO NAS PRODUÇÕES DE ELENA FERRANTE

O movimento do Pós-Modernismo pode-se dizer que foi um movimento cultural de mudanças expressivas em vários segmentos da esfera social. Contudo, aconteceram transformações nas artes, na filosofia, na sociologia e também na área da ciência. Sacudido pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo ansiava por mudanças significativas. Portanto, o Movimento Modernista já não respondia mais a esses anseios sociais. Esse conceito de pós-moderno, criado em 1945, foi modificado nos anos 1960, pois o início dessa nova estética, nas artes em geral, tem como marco A Revolução dos Estudantes na França em 1968. Possivelmente, o advento da internet marca a sua consolidação.

Convém ressaltar que a escritora Elena Ferrante faz parte dessa época, isto é, o Pós-Modernismo, que tem como uma das características a releitura do passado. Esta se apresenta nas obras de Elena Ferrante a começar pelo nome em que se assina, o qual é

um pseudônimo, algo que era comum no século anterior. Há indícios de que a pessoa que usufrui do nome Elena Ferrante seja uma mulher italiana e que já declarou a preferência em ser chamada assim para ter liberdade ao escrever. Muitas pessoas utilizaram outro nome para se esconder ao longo da nossa história. Como por exemplo as irmãs Brontë:

Consideradas as três das maiores escritoras inglesas, as irmãs Charlotte (1816 – 1855), Emily (1818 – 1848) e Anne Brontë (1820 – 1849) começaram a carreira literária usando nomes falsos – Currer, Ellis e Acton Bell, respectivamente – e assim publicaram, em 1847, seus romances *Jane Eyre*, *Morro dos Ventos Uivantes* e *Agnes Gray*. A própria Charlotte afirmou, em uma carta, que as irmãs não gostam de revelar que eram mulheres “porque, como nossa forma de escrever e pensar não era o que se chama de ‘feminino’, tínhamos a impressão de que seríamos vistas com preconceito enquanto autoras”. (Revista Cult, 2018, s/p)

Logo, fica evidente as diversas mulheres escritoras contemporâneas, ou não, que fazem uso de pseudônimos ambíguos, como nomes sem gênero ou iniciais seguidas de um sobrenome, para evitar ideias pré-concebidas sobre suas obras, pois nem sempre a figura feminina foi ouvida, respeitada e validada.

3 CRUZAMENTO DE IDÉIAS ENTRE VIRGINIA WOOLF NO ENSAIO UM TETO TODO SEU E A PERSONAGEM LEDA DE ELENA FERRANTE

A partir da leitura do ensaio de Virginia Woolf (1882) intitulado de *Um Teto Todo Seu* (1929) que foi baseado em palestras proferidas por Virginia Woolf nas faculdades de Newham e Girton em 1928, o ensaio *Um Teto Todo Seu* é uma reflexão acerca das condições sociais das mulheres e a sua influência na produção literária feminina.

Na introdução da análise, são traçadas algumas aproximações entre a escritora Virginia Woolf e a personagem principal Leda do livro da trilogia napolitana *A Filha Perdida* de Elena Ferrante no plano estético que comprovam o cruzamento de idéias e analogias entre os textos das escritoras: uma renomada escritora da época modernista e a personagem principal da obra contemporânea.

O título do livro de não ficção de Virginia Woolf *Um Teto Todo Seu* escrito com a letra inicial maiúscula de cada palavra remetem ao que a escritora pontua, a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a expressão livre de seu pensamento, para que essa expressão seja transformada em uma escrita sem sujeição e, finalmente, para que essa escrita seja recebida com consideração, em vez da indiferença comumente reservada às mulheres que ousavam escrever e publicar seus livros.

Igualmente, o título *A Filha Perdida* nos conta a história da professora universitária chamada Leda que aluga uma casa e inicia, sozinha, uma viagem que acaba não sendo exatamente um descanso, mas aquilo que chamamos de “uma jornada de autoconhecimento”. Uma família barulhenta, tipicamente napolitana, faz com que ela se lembre dela própria, da sua relação com a construção da sua carreira e a sua maternidade em outras fases de sua vida.

No momento presente, pensando na configuração social e a partir das contribuições das mulheres para a literatura ao longo da história, pode-se dizer que está entrelaçada a todas as mulheres autoras. Dessa maneira, é necessário problematizar duas questões evidentes uma delas diz respeito ao acesso à literatura tradicional, especificamente em relação ao espaço que traz predominantemente a figura masculina disponível, fato indiscutível que Virginia Woolf (1929) problematizou dizendo que a literatura está coberta com os destroços de homens que se importaram além da razão com a opinião dos outros (Woolf, 2020, p. 72).

De forma inquestionável, a mulher sempre esteve à margem de todos os espaços sociais, assim como no espaço literário que a figura feminina por muito tempo e pela cultura patriarcal, sexista, machista e ocidental promoveu, a mulher foi apenas a personagem dos romances e não a produtora. Virginia Woolf inicia seu ensaio desta maneira abrindo mão de seu nome, algo que é subjetivo, pois assim se igualaria a todas as mulheres do final do século XX e início do século XXI, isso aconteceu em 1929. Da mesma maneira, a escritora italiana Elena Ferrante faz uso de um pseudônimo desde a década de noventa e a sua identidade ainda é desconhecida. “Então estava eu (me chamem de Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou de qualquer outro nome que prefiram - isso não tem importância)” (Woolf, 2020, p. 11).

Nos últimos anos houve diversos avanços e conquistas no que diz respeito ao feminismo e à invisibilidade da figura da mulher, em contraste à figura da esposa que era a pessoa responsável por tudo e fazia parte do ambiente doméstico, isto é, da porta da casa para dentro, e nada mais. Muitas não tinham acesso a qualquer forma de instrução, seja cultural, social ou até mesmo sexual e toda mulher que demonstrava ter qualquer tipo de ambição era marginalizada. Esse tipo de postura era vista como algo fora do que era esperado pela conjuntura social, algo inadequado e proibido para a mulher, pois o destino feminino é o da submissão.

Conforme Vasconcelos (1995), apesar dos romances do século XVIII terem valorizado e mudado a imagem feminina perante à sociedade, muitas vezes esse retrato era algo cultural e social e não um modo de ser natural da mulher. De forma inquestionável, as autoras não só problematizaram os desafios da sua época, como também contribuíram para constituir uma sociedade equitativa para as próximas gerações.

Pode-se reiterar que tanto Virginia Woolf, em seu ensaio *Um teto Todo Seu* (1929) e Elena Ferrante com a sua personagem Leda no livro *A Filha Perdida* (2016) que compõem a tetralogia napolitana dialogam temas inerentes aos desafios perpassados pela mulher, tais como a emancipação financeira. De acordo com o que Virginia Woolf diz: “Uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo dela se ela se dispõe a escrever ficção”. (Woolf, 2020, p. 10)

A literatura, assim como a arte em geral, foi, por muito tempo, realizada pelos homens, geralmente brancos, da classe média e heterossexuais, o que sempre excluiu expressões artísticas feitas por negros, mulheres e outras minorias marginalizadas por uma sociedade baseada no elitismo, no branquismo e no gênero masculino. Esses fatores levaram, historicamente, à formação de um modelo literário excludente, estabelecido de acordo com determinada sociedade e sua cultura. É isso que explica a escassez, por séculos, de

obras de escritores vindos das ditas minorias como negros, mulheres e homossexuais. Para que a mulher conseguisse alguma representatividade, fez-se necessário que, mediante a crítica feminista, comessem os questionamentos quanto à construção social e cultural da estrutura social vigente. Da mesma forma, o corpo feminino sempre foi uma questão de discussão para os homens, principalmente no que se refere a maternidade.

Assim, aos vinte e cinco anos, qualquer outra brincadeira havia acabado para mim. O pai corria mundo a fora, uma oportunidade atrás da outra. não tinha nem o tempo de reparar o fora copiado do seu corpo, como havia resultado a reprodução. Mau olhava as duas meninas, mas dizia com ternura verdadeira: são iguazinhas a você. (Ferrante, 2016, p. 45)

Pode-se realizar um paralelo entre o que a personagem principal Leda de *A Filha Perdida* cita sobre umas das questões mais desafiadoras para o corpo feminino, que é a maternidade, algo que por muito tempo serviu de controle do patriarcado sobre o corpo das mulheres e o que Virginia Woolf nos disse em um Teto Todo Seu que: Mas é obvio que os valores das mulheres diferem muito frequentemente dos valores que foram criados pelo outro sexo (Woolf, 2020, p. 93)
Nesse sentido,

Pois, para subvencionar uma faculdade haveria a necessidade de suprimir completamente as famílias. Fazer fortuna e criar treze filhos - nenhum ser humano suportaria. Considerem os fatos, dissemos. Primeiro há nove meses antes do bebe nascer, depois ele nasce. Na sequência são três ou quatro meses amamentando o bebe. depois que o bebe estiver amamentando há certamente mais uns cinco anos empregados em brincar com ele. Pelo que parece, não se pode deixar as crianças correrem soltas pela rua. (Woolf, 2020, 30)

Tudo se soma ao fato de que a escritora desse ensaio do século passado pode-se cruzar ao ideal de vida da Leda, personagem que é assolada pela indecisão imposta pela sociedade a respeito do que é ser uma boa mãe, ou até mesmo do valor que uma mulher tem. Em meio às incertezas impostas pela estrutura patriarcal, a personagem Leda decide, após 25 anos de maternidade, fazer o que sempre teve vontade, dispondo um tempo a ela mesma e assim obtendo respostas a perguntas sobre ela mesma, sua vida e a forma como vive. De acordo com Virginia Woolf: (Mulheres e ficção)

Mas ainda é verdade que, antes de escrever exatamente como deseja, uma mulher tem muitas dificuldades a enfrentar. Antes de tudo há a dificuldade técnica - tão simples na aparência. Mas tão desconcertante, na realidade, que na própria forma da frase não é compatível com ela. (Woolf, p. 14)

Ainda, outro fato que merece destaque é que o universo das obras, não são resultados de oposição entre si, mas de uma aproximação entre o discurso de uma escritora do modernismo europeu e da personagem principal de uma autora pós-modernista italiana que supõe-se ser uma mulher, e que escrevem sobre liberdade feminina em tempos e cenários diferentes. Por outro lado, tanto Woolf quanto Ferrante socializaram suas experiências e vivências em suas obras, retratando a falta de valor dos cuidados em relação

à família que a mulher por séculos foi sentenciada a cumprir. Sendo assim, diversas escritoras chamam atenção para esse fato.

Inegavelmente, a mulher para a escritora feminista Virginia Woolf, no século XX é equivalente ao discurso da autora Elena Ferrante, do século XXI, trazendo em seus escritos a defesa pela liberdade, emancipação, valorização, cuidado e a escolha pela maternidade para a mulher de uma maneira natural e não imposta pela conjuntura social. É evidente que quando se discorre sobre a liberdade, pode-se dialogar acerca da liberdade de ir e vir, de falar, de pensar, escrever e o mais importante de ser o que se quer, para tanto, a liberdade que Virginia Woolf aborda em seu texto é sobre a liberdade de pensar, percebe-se quando ela diz:

A literatura está aberta para todo mundo. Me recuso a permitir que você, embora seja o bedel, me enxote da grama. tranque suas bibliotecas se preferir, mas não há nenhuma porta, nenhuma tranca, nenhum ferrolho que você possa colocar sobre a liberdade da minha mente. (Woolf, 2021, p. 96)

Assim, a mulher resistiu para então ser possível existir. É provável que a figura feminina foi por muito tempo a criatura e não a criadora nos textos da literatura. Logo, mulheres de luta que enfrentam as adversidades impostas e que não sucumbiram às imposições como nos diz Virginia Woolf em seu ensaio que o patriarcado pode até tentar, mas jamais conseguirá destruir a nossa liberdade.

3.2 OS DESAFIOS NO UNIVERSO FEMININO NO ENSAIO DE NÃO FICÇÃO UM TETO TODO SEU E A PERSONAGEM LEDA DA NARRATIVA A FILHA PERDIDA

Quando Virginia Woolf escreveu o ensaio de não-ficção *Um Teto Todo Seu* em 1929 em um cenário europeu Modernista dominado pelos homens, essa autora plural inovadora e feminista, que discorreu sobre um tema que naquela época era proibido, uma vez que mulheres não tinham liberdade para escrever, para seguir os seus desejos e os seus sonhos, a única forma de uma mulher sobreviver em 1929 era sendo dona de casa cuidadora do Lar e da família. Virgínia escreveu mais de 500 artigos em que ela expõe suas ideias e seus desejos. Um dos mais famosos é um ensaio de não ficção intitulado *Um Teto Todo Seu* em que a escritora contesta a conjuntura social da época. De maneira inteligente ela dialoga com a vida das mulheres da época.

De vez em quando uma Emily Brönte ou Robert Burns brilha e marca sua presença. mas certamente nunca foi registrado em papel. quando, todavia, se lê sobre uma bruxa que desaparece, ou sobre uma mulher possuída por demônios, ou sobre uma mulher sábia vendendo ervas, o mesmo sobre um homem notável que teve perdido, um poeta reprimido, de alguma Jane Austin muda e em glória, alguma Emily Brönte que jogou sua inteligência pela charneca o esfregou e aparou as estradas louca com a tortura que seu dom lhe havia causado. De fato, eu ousaria adivinhar que é na vírgula que escreveu tantos poemas sem cantá-las, era uma mulher. Era uma mulher que Eduardo Gerald achou, sugeriu que tivesse criado as baladas e as canções populares, cantando-as para seus filhos, distraindo sua costura

com elas ou a duração de uma noite de inverno. Isso pode ser verdade, pode ser mentira - Quem é capaz de dizer? (Woolf, 2020, p. 64)

Assim, Woolf discorre sobre a falta de registros das produções femininas na época, sendo que é bem provável que ao longo da nossa história muitas mulheres escreveram, produziram e contribuíram para a literatura. Sobre os fatos mencionados a autora não nos oferece uma solução, contudo faz um convite a reflexão sobre esses entraves presentes no universo feminino até hoje. Ainda sobre a escassez de possibilidades, a autora afirma: "Abram a duquesa e encontrarão a mesma explosão de fúria. "Mulheres vivem como morcegos ou corujas, trabalham como bestas e morrem como vermes[...]" (Woolf, 2020, p. 79)

No mesmo sentido, a alegação que permeou a imagem das mulheres como seres imperfeitos por natureza, seres inferiores aos homens e que naturalmente estariam destinados a serem submissas ao patriarcado. Inegavelmente, essas ideias obtiveram êxito em manter as mulheres no espaço doméstico, impondo regras de conduta que regulavam seu comportamento, constituindo assim, na esposa perfeita que era submissa ao marido e depois aos filhos. A mulher até 1840 era considerada como objeto de posse, rainha do lar.

Pode-se reiterar que a literatura é a expressão criativa do mundo, estética e cultural da nossa linguagem escrita e lida. Pela literatura, podemos alcançar uma avaliação profunda e abrangente de como anda a igualdade de gênero. Com efeito, a escrita possibilitou o aceleração da disseminação e produção de conhecimentos e o exercício da liberdade de expressão. As mulheres, no entanto, foram excluídas da escrita e da leitura ao serem alijadas dos processos educacionais e das construções simbólicas das relações sociais. Mesmo assim, as mulheres resultaram e produziram e também ocuparam espaços que não eram permitidos.

Em acréscimo dessas boas qualidades, a outras duas que ainda merecem ser discutidas. A mudança que transformou a mulher inglesa, de influência indefinida, flutuante e vaga que ela era, número leitora, uma assalariada, numa cidade responsável, causou tanto em sua vida quanto em sua arte uma virada para o impessoal. Suas relações agora não são apenas emocionais; são intelectuais, são políticas. O velho sistema, que a condenava a olhar de esguelha para as coisas, pelos olhos ou pelos interesses do marido ou do irmão, deu lugar aos interesses diretos e práticos de alguém que tem que agir por si mesma, e não somente influenciar as ações dos outros. (Woolf, 2019, p. 17)

Em consequência do exposto neste trabalho pode-se realizar um paralelo de vivência e experiência entre uma mulher autora britânica e a escritora napolitana pós-modernista. Mulheres com ideias similares e em tempos históricos diferentes, Virginia, uma mulher destemida para sua época e sua obra reverbera até o nosso tempo presente, em paralelo Elena Ferrante, misteriosa e avassaladora com suas palavras, uma mulher pós-modernista que luta por meio da Literatura contra o silenciamento das mulheres em nossa sociedade. Pode-se analisar esse paralelo no quadro a seguir.

Quadro 1 - Comparativo sobre a vidas das escritoras e suas ideias

Autora	Data de nascimento ou século?	Nacionalidade	Principais obras	Principais temas	Lutas feministas	Como as mulheres são representadas nas obras?
Virginia Woolf	25/01/1882	Britânica	Mrs Dalloway (1925) A Room of One's Own (1929) Two the lighthouse (1927)	A mulher e a literatura.	A relação patriarcal da sociedade inglesa da época, à dificuldade da mulher conquistar seu espaço diante do pouco acesso à educação e da opressão sofrida pelos homens.	Mulheres livres
Elena Ferrante	05/04/1943	Italiana	Tetralogia Napolitana	A mulher, a maternidade e sobre a idade da mulher.	Luta das mulheres pela emancipação e liberdade e pela maternidade.	Mulheres livres

Fonte: Próprias autoras, 2022.

Logo, é evidente que a sociedade patriarcal, sexista e misógina que por muitos séculos se encarregou de afastar as mulheres da educação, da emancipação financeira, social e psicológica, do pensar em si e agir por si. Para tanto, a personagem construída por Elena Ferrante, uma escritora contemporânea, no tempo presente nos faz refletir sobre os papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Tendo em vista os fatos mencionados, a personagem principal Leda da narrativa *A filha perdida* e a escritora Virginia Woolf reverberam questionamentos e lançam luz a inquietações inerentes ao universo feminino. Sendo assim, a empatia em relação à sobrecarga de uma mulher, as cobranças relacionadas à maternidade, o incômodo diante do abandono da família e a preocupação sobre a vulnerabilidade das crianças em meio a turbulências sem nome são alguns dos sentimentos despertados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa foi abordado uma análise entre o ensaio de não ficção de Virginia Woolf intitulado de *Um Teto Todo Seu* e a personagem principal Leda da narrativa ficcional de Elena Ferrante, escritora que faz uso de um método muito utilizado no séculos XIX e XX, o pseudônimo, antecedentes ao século presente, como também foi tecido um cruzamento de ideias e ideais entre a criadora de um ensaio e a criatura de uma ficção, para então arrematar que a vida e a literatura estão entrelaçadas.

Pondera-se que as mulheres representadas tanto na obra de não-ficção de Virginia Woolf quanto na ficção de Elena Ferrante, em tempos e cenários tão distintos, porém que compartilham de preconceitos e percalços em virtude de seu gênero e ainda que as lutas

e representações femininas atravessam o tempo. Sendo assim, muitas conquistas foram alcançadas.

Em virtude dos fatos mencionados, foi possível considerar que a mulher vivenciou e ainda experienciou preconceitos. Em geral, ainda são mais afetadas através de idéias, palavras e atos, determinando diferentes comportamentos sociais quando comparadas aos homens tomando por base o cruzamento de textos acima mencionados.

Em síntese, o estudo realizado apontou que é possível a emancipação da mulher pela Literatura e por questões históricas, as mulheres permaneceram à sombra dos homens em muitos aspectos, e em todos os ambientes. Mesmo assim, elas estiveram presentes, agregando valor ao mundo da literatura, desde muito tempo, deixando sua identidade de lado ou lutando, mas sempre presente contribuindo e deixando seu legado.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *História dos Animais*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- AUSTEN, Jane. *A Abadia de Northanger*. São Paulo, SP: LandMark, 2016.
- FERRANTE, Elena. *A filha perdida*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- DE GOUGES, OLYMPE. Tradução DA SILVA, LEANDRO CARDOSO MARQUES. *Avante Mulheres, Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e outros textos*. Edipro, 2020.
- HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- HYPENESS. *O primeiro autor do mundo era uma mulher*. 2022. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/04/o-primeiro-autor-do-mundo-era-uma-mulher/> Acesso: 23 Jun. 2022.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2019.
- RAGO, M. *Epistemologia feminista, gênero e história*. Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis-SC:Mulheres,1998. Disponível em: http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf Acesso: 04 Abr. 2022.
- REVISTA CULT. *10 autoras que publicavam sob pseudônimos masculinos*. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/10-autoras-que-precisaram-de-pseudonimos-masculinos-para-publicar-suas-obras/> Acesso: 12 Jun. 2022.
- SPIVAK, Chakravorty Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- WOOLF, Virginia: *Mulheres e Ficção*. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.
- VASCONCELOS, S, G, T. *Construções do feminino no romance inglês do século XVIII*. Polifonia - UFMT, Cuiabá, n.2, p.85 -100, 1995. Disponível em: <https://www.ufmt.br/ndihr/revista/revistas-antiores/revista-dm-16.pdf>> Acesso em: 5 Jun. 2022.

WOOLF, Virginia: *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2021.

WOOLF, Virginia: *Um teto todo seu*. São Paulo, SP: Tordesilhas, 2017.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade*. Letras, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010.